

A MATEMATIZAÇÃO DO MÚSCULO NO FISCULTURISMO FEMININO

Angelita Alice Jaeger

RESUMO

Instrumentalizada pelos Estudos Feministas, de Gênero e Culturais, interessou-me analisar discursos produzidos no interior do fisiculturismo acerca da produção dos corpos das mulheres atletas. As fontes de pesquisa foram textos e imagens colhidos em diferentes artefatos culturais. As análises me permitiram apontar conexões entre a matematização do músculo e os ajustes produzidos entre os corpos femininos e o campo esportivo, indicando a constituição de quatro modalidades esportivas na vertente feminina, a saber: physique/culturismo, figure/body fitness, fitness/miss fitness, toned figure/wellness. Assim, o fisiculturismo vem se constituindo, afirmando e atualizando para manter-se vivo e pulsante no campo esportivo.

Palavras-chave: Fisiculturismo. Mulheres. Corpo. Gênero.

ABSTRACT

With tools provided by Feminist Studies, Gender Studies, and Cultural Studies, I am interested in analyzing discourses produced in body-building about the production of bodies of female athletes. Texts and images collected from different cultural artifacts have been my sources or research. The analyses have pointed connections between the mathematics of muscles and the adjustments produced between female bodies and the sport field, indicating the constitution of four sportive modalities involving women: physique, figure/body fitness, fitness/miss fitness, and toned figure/wellness. Body-building has been constituted, affirmed, and updated so as to continue alive and pulsing in the sport field.

Key Words: Body-building. Women. Body. Gender.

RESUMEN

Instrumentalizada por los Estudios Feministas, de Género y Culturales, me interesó analizar discursos producidos en el interior del fisiculturismo a cerca de la producción de los cuerpos de las mujeres atletas. Las fuentes de investigación fueron textos e imagenes apanadas en diferentes artefactos culturales. Las análisis me permitieron apuntar conexiones entre la matematización del músculo y los ajustes producidos entre los cuerpos femeninos y el campo deportivo, indicando la constitución de cuatro modalidades deportivas en la vertiente femenina, a saber: physique/culturismo, figure/body fitness, fitness/miss fitness, toned figure/wellness. Así, el fisiculturismo viene constituyéndose, afirmando y actualizando para mantenerse vivo y pulsante en el campo deportivo.

Palabras-claves: Fisioculturismo. Mujeres. Cuerpo. Género.

A constituição do estudo

Estudar mulheres atletas da potencialização muscular tem ocupado os meus interesses nos últimos tempos, me mobilizando a procurar vestígios e pistas que apontem discursos e representações que produziram e produzem as condições de possibilidades de emergência de uma prática corporal marcada pela singularidade de sua constituição no contexto esportivo. Nesse sentido, tenho investigado artefatos culturais em que emergem afirmações, insistências e dissonâncias acerca das negociações e dos ajustes produzidos entre as atletas e o campo esportivo, especificamente, analisei discursos e representações produzidos acerca dos corpos femininos no interior do fisiculturismo.

Para problematizar e discutir essa temática, encontrei apoio nos Estudos Feministas, Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais inspirados no pós-estruturalismo. Aportes que assumem o caráter político de suas teorizações, possibilitando-me pensar na multiplicidade dos corpos potencializados, rejeitando a fixidez e o rótulo que muitas vezes são acionados para representá-los. Desde essa perspectiva, esses saberes assumem a incerteza e a dúvida em suas produções, constituindo-se em um desafio para todos aqueles/as que buscam pesquisar desde esse modo de olhar. Isso não significa que vale tudo, mas sim que o pesquisador e a pesquisadora estão constantemente se autoquestionando e indagando sobre as novas possibilidades que emergem dos seus estudos.

Mergulhar em textos e imagens colhidos em diferentes artefatos culturais produzidos num campo esportivo marcadamente masculino representou para mim um mergulho num contexto assinalado por disputas, interdições e silenciamentos femininos, mas também atravessado pelas resistências e lutas de muitas mulheres que borram fronteiras e transbordam os limites produzidos em função da sua constituição corporal. As mulheres que competem nas diferentes modalidades do fisiculturismo afirmam e reafirmam, no seu próprio corpo, o desmoronamento das distinções, hierarquias e classificações entre mulheres e homens ancoradas nas diferenças biológicas. Ao intervirem nos seus corpos e produzirem diferentes arquiteturas corporais, elas comprovam que, tanto hoje quanto ontem, o corpo não é um destino, tampouco uma linha divisória e um território limitante, mas uma possibilidade e uma escolha em favor de um ponto de apego móvel e momentâneo, passível de distintas transformações.

Nesta investigação, assumo que o fisiculturismo é um esporte controverso, porém interessou-me, sobretudo, apontar que não é uma modalidade esportiva homogênea – como sinalizam alguns discursos e representações – em que todos os corpos exibem volumes musculares levados ao limite de suas potencialidades. Para colocar em questão essa perspectiva, privilegiei as análises dos discursos e representações que apontam as distintas arquiteturas corporais femininas construídas no fisiculturismo, cujas distinções se apóiam em quatro projetos arquitetônicos que combinam volume, simetria e definição muscular, a saber: *physique/culturismo*, *figure/body fitness*, *fitness/miss fitness*, *toned figure/wellness*. Assim, o fisiculturismo vem se constituindo, afirmando e atualizando para manter-se vivo e pulsante no campo esportivo.

A produção das fontes de pesquisa

Na esteira dessa idéia me propus a perscrutar, ouvir e remexer qualquer vestígio que mencionasse ou insinuasse alguma possibilidade de falar sobre a potencialização muscular feminina. Qualquer artefato cultural que pudesse dizer-me e indicar-me algo em torno do tema investigado, foi desde cedo agregado ao material empírico do estudo. Esse modo de fazer pesquisa exigia considerar que os materiais dessa pesquisa, não estão aí dados e prontos para falar. Ao contrário, é preciso dialogar com as fontes, perguntar-lhes acerca do tema, enfim, fazê-las falar. Essa noção de produção de fontes para estudo, apóia-se em Silvana Goellner (2007, p.21), ao apontar “um documento, uma imagem, um artefato é uma fonte de pesquisa [...] porque alguém lhe conferiu voz”.

Com essa prerrogativa metodológica a incitar-me, produzi um trabalho minucioso e extenso, garimpando materiais oriundos de diferentes lugares que pudessem colaborar com a intenção do estudo e, tal qual uma detetive, saí em busca de pistas, pegadas, vestígios e sinais para produzir o material empírico. Comecei as buscas a partir de *sites*, onde colhi materiais valiosos compostos por textos e imagens que abriram inúmeros caminhos ao longo do trabalho. Percorri sebos onde comprei revistas antigas que apresentavam alguns investimentos iniciais na potencialização muscular e na disseminação da prática da musculação. Por fim, entrevistei uma atleta brasileira que compete na modalidade *figure*. Nessa busca encontrei textos, reportagens, imagens, entrevistas, visibilidades, pesquisas e relatos, constituindo as fontes de pesquisa sobre as quais me debrucei.

Mergulhar nesses documentos, dialogar com as diferentes fontes e apoios teóricos, elaborar diferentes combinações, fazer aproximações, reorganizar o material até a exaustão, ou seja, ler, olhar, observar, destacar frases, idéias, imagens que dessem conta do foco do tema de estudo constituiu-se num instigante trabalho de pesquisa e organização. Observando as afirmações, as insistências e as dissonâncias nos discursos pinçados das fontes de pesquisa, produzi um conjunto de enunciados acerca da matematização do músculo feminino no campo esportivo do fisiculturismo. A elaboração das análises foi produzida considerando o meu modo de ver e de olhar para essas fontes. Em suma, destaco algumas palavras que tomei emprestado de Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2005, p. 41), quando apontam que “toda investigação se expressa e está marcada por incongruências e multiplicidades, por fragmentos de discursos que se cruzam; alguns desses fragmentos têm afinidades, outros são antagônicos; alguns compõem arranjos e outros escapam”. Inspirada nessas questões produzi as análises abaixo.

Ajustes produzidos entre os corpos e o esporte

As medidas do músculo constituíam e constituem o centro dos interesses e dos olhares nas competições de fisiculturismo. Assim como o esporte, foi paulatinamente ampliando as possibilidades de participação de homens e mulheres, e os seus lugares de inserção, os corpos produzidos nessa modalidade, também foram crescendo. Vemos que modificaram-se e modificam-se tanto o esporte quanto os corpos que ele espetaculariza. Essas mudanças podem ser entendidas a partir da perspectiva sustentada por Vigarello (2008, p. 466) quando sugere que “[o esporte] joga com o *show*, com a apresentação do espetáculo contemporâneo, até transformar a sua prática, seus dispositivos e seus regulamentos”. Entendo que essa proposição pode ser visualizada nas imagens das duas

atletas, que denunciam na própria carne as mutações que envolveram e envolvem o corpo e o fisiculturismo. As imagens¹ abaixo enunciam corpos diferentes, épocas distintas e esporte em constante transformação.



Imagem 1 - Rachel McLinsh em 1980.



Imagem 18 - Íris Kyle - Ms. Olympia de 2008.

Ao discutir essa questão, também me inspiro em Soares (2006, p. 75), cujos estudos abordam as implicações da medida na produção de estratégias de intervenção nos corpos, assinalando que “é possível pensar que a medida compõe mais seguidamente os horizontes imediatos de onde se podem apreciar os objetivos e os resultados de muitas intervenções no corpo”. Assim, discutir a matematização do músculo, suas verberações no esporte e os ajustes produzidos pelo esporte no corpo é o propósito deste enunciado.

Imagens, biografias, comentários e fragmentos de narrativas circulam em diferentes páginas da Internet, contando versões sobre a emergência do fisiculturismo e apontando as protagonistas de sua história, entre as quais, estão Rachel McLinsh² e Íris

¹Imagem 1 – Rachel McLinsh em 1980. Disponível em: www.fitnessmodelworld.com e capturada em 15/08/2008. Imagem 2 - Íris Kyle - Ms. Olympia de 2008. Disponível em: www.hardfitness.com e capturada em 30/09/2008.

²Rachel McLinsh foi a primeira campeã do Ms. Olympia, em 1980. Disponível em: www.ifbb.com/halloffame/1999/mclish.htm, capturado em 23/05/3006.

Kyle³. Rachel rompeu barreiras erguidas para a mulher e mudou o rumo da potencialização muscular feminina, marcando com seu feito a história do esporte ao vencer, em 1980, o primeiro Ms. Olympia⁴, ocorrido na Filadélfia/EUA. Íris sugere em 2008, com seu corpo, que os limites das intervenções que ele suporta são constantemente ampliados, revistos e ultrapassados. Seu corpo desassossega noções que fixaram num passado não tão distante o que é ser mulher; seus músculos apontam para múltiplas possibilidades de produzir e viver as feminilidades.

Ao escolher as imagens dessas duas mulheres atletas, não o fiz exclusivamente para, mais uma vez, contar a história das vencedoras, pois, se essa fosse a minha intenção, outras tantas poderiam figurar nesse contexto. Eu as escolhi com o propósito de visibilizar, lado a lado, duas arquiteturas corporais femininas que, em épocas diferenciadas, representaram e representam o corpo produzido e desejado no fisiculturismo. Essas imagens assinalam, sobretudo, que “a história das mulheres passa pela história dos seus corpos” (Mary del Priore, 2000, p. 13) – e no esporte isso não é diferente. Isso me inspira a pensar que a história das mulheres no fisiculturismo também é constituída pelos ajustes que o esporte imprimiu no corpo feminino e, simultaneamente, os ajustes que os corpos femininos produziram no esporte.

As imagens que abrem a temática sugerem que está tudo ali, como diria Foucault (2005), na superficialidade da própria pele – corpos alvos, com diferentes investimentos, respondem às circunstâncias e às condições de cada época. No entanto, muitas polêmicas emergiram em meio à produção do volume muscular, as quais incidiam e incidem sobre o esporte, transformando-o e também alterando as arquiteturas corporais femininas.

As primeiras competições de fisiculturismo feminino foram protagonizadas nos Estados Unidos ainda na década de 1970 e chegaram ao auge nas duas décadas seguintes. Bolin (2001) aponta que alguns eventos acionaram o interesse feminino pelo esporte. Entre eles, destaca-se a reintrodução do treinamento de resistência na preparação de atletas mulheres na década de 1950 e a emergência do movimento feminista na década seguinte. Esse processo culmina com a explosão da indústria do *fitness* em 1970, oferecendo espaços preparados especialmente para receber as mulheres que queriam se exercitar. Tal representação emerge do corpo longilíneo, magro e levemente musculoso de Rachel McLinsh, cuja vitória no primeiro Ms. Olympia em 1980 se deu, segundo Matt Weik (2006), pelo seu corpo representar um potencial modelo para os produtos do mercado *fitness*.

Bill Dobbins (2003) conta que 21 mulheres participaram dessa competição, realizada na Filadélfia. Embora não fosse uma disputa de beleza, movimentava o evento certa estupefação que corria de boca em boca, repetindo e reafirmando a inacreditável

³ Íris Kyle venceu o Ms. Olympia pela primeira vez em 2001; em 2002 e 2003, ficou em segundo lugar; em 2004, venceu novamente; em 2005, ficou em segundo lugar e, desde 2006, quando conquistou o primeiro lugar, não o abandonou mais. Disponível em: <http://contests.ironmanmagazine.com>, capturado em 11/08/2008 e 26/12/2008.

⁴ O Ms. Olympia foi criado em 1980 por George Snyder e organizado pela IFBB. Para participar da competição, as mulheres enviaram um currículo, acompanhado de fotografias de corpo inteiro. Snyder escolhia aquelas que, sob o seu modo de olhar, eram potenciais modelos para os produtos do mercado *fitness*. Desde 1982, as competições passaram a ser promovidas pelos irmãos Weider, e o evento agigantou-se. Atualmente, o Olympia Weekend reúne competições de fisiculturismo masculino e feminino em todas as suas modalidades e também disputas que envolvem lutas e levantamentos de peso. Fontes: Disponíveis em: www.mrolympia.com/2008/event-schedule.htm; www.bodybuilding.com/fun/weik24.htm, capturados em 16/08/2008.

beleza de todas as atletas. Fotógrafo e admirador das mulheres fisiculturistas, o autor sublinha:

É, na verdade, todas eram bonitas. Em roupa de passeio, saltos altos, maquiadas, penteadas e resplandecentes, era difícil imaginar que aquelas mesmas mulheres tinham sido frequentemente acusadas de ser masculinas, andróginas ou mesmo grotescas. Elas não eram nada disso. Elas estavam esplêndidas⁵ (DOBBINS, 2003, p.01).

Analisar a imagem de Rachel faz-me supor que, nas primeiras competições do Ms. Olympia, se valorizava uma arquitetura corporal que, comparada com os atuais corpos, se constituía timidamente muscularizada. A teatralização da gestualidade deixava ver os tênues contornos musculares do corpo potencializado de Rachel, os quais, aos olhares contemporâneos, possivelmente não representariam inquietações nem produziriam suspeições. A arquitetura desse corpo parece representar uma dada fragilidade quando comparado ao corpo de Íris Kyle, construído em meio às múltiplas possibilidades de intervenção no corpo, as quais se tornaram possíveis quase três décadas depois. Apesar de a arquitetura corporal de Rachel guardar vestígios que remetem à representação do sexo belo ou frágil, cujas denominações por muito tempo estiveram vinculadas às imagens que a nossa sociedade produziu sobre o corpo feminino, sobre sua beleza e saúde (DEL PRIORE, 2000), aponto também que esses contornos corporais representaram um corpo em mutação para uma sociedade também em transição, uma vez que os árbitros ainda destacaram que ela parecia ser um pouco mais elegante do que as outras atletas e, ao mesmo tempo, a qualidade da sua potencialização muscular era evidente (DOBBINS, 2003).

As mudanças que ocorreram nos discursos e práticas acerca da potencialização muscular de mulheres e homens nas últimas décadas foram analisadas por Courtine (1995, p.84), que apontou que nessa época se forjou na sociedade americana um culto à “aparência do corpo”, cuja sustentação é feita por uma “indústria, um mercado e um conjunto de práticas de massa”. A década de 1980 foi marcada pela proliferação de produtos direcionados ao “mercado do músculo”: diversidade de exercícios, recursos ergogênicos, sofisticados aparelhos de musculação, suplementos nutricionais, métodos de treinamento, revistas especializadas, dietas nutricionais e roupas específicas colaboraram para movimentar e expandir esse mercado. Além disso, os aparelhos de musculação, acompanhados de toda essa parafernália, ultrapassaram as fronteiras das academias de ginástica para ocupar os espaços privados da residência familiar, possibilitando entre outras coisas, que cada indivíduo se constituísse em “gestor de seu próprio corpo” (COURTINE, 1995, p, 86).

Focalizar o fisiculturismo feminino produzido nos anos 80 significa falar, principalmente, de Cory Everson, cujo corpo marcou a década, constituindo-se numa das protagonistas desse esporte, até hoje lembrada pelas atletas e por elas posicionada como um ícone de referência em termos de muscularidade e manutenção do padrão de feminilidade convencional e normalizado pelos discursos que o produzem. “A Cory Everson é a minha musa inspiradora”, contou-me a atleta brasileira de *figure* Silvia Finocchi quando a entrevistei. Justificou sua escolha apontando que Cory não produziu um corpo exageradamente musculoso para aquela época, visto que manteve os seus

⁵ Tradução livre.

contornos musculares, enquanto outras os faziam crescer desmesuradamente. Cada pequeno feixe de fibras era visibilizado nos desenhos que os músculos produziam sob a pele levemente bronzada de Cory. Cada milímetro do seu corpo denunciava um meticuloso investimento corporal, e o que aparecia sob a epiderme em nada lembrava as representações que cotidianamente enunciavam as mulheres; a fragilidade era uma característica que parecia não colar no seu corpo.

Mais do que uma competição em que se avaliavam o volume, a simetria e a definição muscular, valorizava-se naquela época o modo de exibir a potencialização muscular. Em síntese, a atleta “incorporava uma combinação perfeita de simetria, muscularidade e feminilidade” (BOLIN, 2001, p. 149). Cory e tantas outras atletas produziam uma apresentação em que misturavam representações de feminilidade normalizada e o volume muscular. Com essas marcas matizadas, tentavam assegurar aquilo que o músculo poderia desassossegar, uma vez que, potencializado, ele pode sobressair ao olhar. Soares (2006, p. 76) aponta que “a medida aparece como categoria fundamental para pensar o corpo. (...) e desde o século XIX [inaugura] um modo de olhar e ao mesmo tempo um modo de intervir, materializando com intensidade, e quase mecanicamente, os processos de conformação dos corpos”.

A década de 1990 foi emblemática para a potencialização muscular feminina. As fontes apontam que o volume muscular de Bev Francis⁶ causou impacto na época, visto que sua carreira de atleta também estava marcada no seu inquietante corpo, dada a sua participação no filme *Pumping Iron II: The Women*, cujo roteiro misturava documentário e ficção ao mostrar, no cinema, os bastidores e as disputas que constituíam o Ms. Olympia. O início dos anos 90 ficou marcado no fisiculturismo pelas disputas entre Lenda Murray e Bev Francis. Entre os anos de 1987 e 1989, Francis perdeu para Cory Everson, pois seu corpo era apontado como exageradamente musculoso, e venciam as formas mais comedidas de Everson. Bolin (2001) diz que, após três derrotas consecutivas, Francis abrandou o seu volume muscular para o Ms. Olympia de 1990 e, nesse ano, surpreendentemente, perdeu para Murray, porque a última havia produzido contornos musculares mais generosos.

No ano seguinte, em 1991, a atleta Bev intensificou o seu treinamento e apareceu no campeonato com um impressionante volume muscular, indicando que havia fabricado uma arquitetura corporal que parecia ter sido levada ao limite da sua potencialização muscular. Essa mudança foi amplamente noticiada aos que acompanhavam as disputas *in loco* ou assistiam à transmissão do Ms. Olympia, pela primeira vez, televisionada. Entretanto, Bev perdeu novamente para Lenda. Acerca dessa disputa, um pequeno excerto pinçado da biografia que acompanha a imagem de Bev incrustada no *Hall of Fame* da IFBB diz o seguinte:

| |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Em 1991 no Ms. Olympia da IFBB, ela [Bev Francis] apresentou o físico feminino mais musculoso já visto e finalizou uma controversa disputa com Lenda Murray. A fraqueza do físico de Francis esteve em tentar revisar os procedimentos do esporte. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

⁶ Bev Francis foi uma atleta de *powerlifter* entre 1980-85, sendo nomeada Strongest Woman in History. A atleta migrou rapidamente para o *bodybuilding* e, em 1990 e 1991, disputou com Lenda Murray o primeiro lugar do Ms. Olympia; em ambas as ocasiões, perdeu e, por fim, acabou retirando-se do esporte. Disponível em: <http://www.ifbb.com/halloffame/2000/francis.htm>, capturado em 28/08/2006.

Em síntese, a potencialização muscular de Bev Francis desassossejou os limites produzidos no interior do próprio campo esportivo.. Todavia, fiquei com a impressão de que Bev Francis transbordou os limites do volume muscular até então pensados, admitidos e aceitos num corpo feminino, mesmo no interior do fisiculturismo. Ao romper com essas fronteiras e fabricar um corpo que abandonava representações padronizadas de feminilidade, a atleta propõe e inscreve nas suas formas corporais a noção central do fisiculturismo, que se resume em crescer e crescer cada vez mais. Bolin (2001) aponta que, nos anos 90, a disseminação e a popularização do uso de esteróides anabolizantes entre homens e mulheres enunciavam que, para o tamanho dos músculos, não havia limites.

Em uma das fontes de pesquisa, encontrei um valioso artigo de Garry Bartlett⁷ (2005), que aponta alguns elementos sobre a questão do volume muscular feminino, com vistas a explicar o que vem acontecendo no esporte há duas décadas. Bartlett sublinha que, no início dos anos 90, as atletas começaram a aparecer com uma muscularidade e medidas nunca antes vistas. Ao privilegiarem o tamanho, outras variáveis importantes foram perdendo espaço – foi o caso das formas, da simetria e do conjunto estético mais “natural”. Ao mesmo tempo, Bartlett indica que as mulheres passaram a investir incessantemente na construção do volume muscular a partir de referências que emergiram em meio aos próprios campeonatos promovidos pela IFBB. Isso ocorria em virtude de as disputas femininas serem julgadas a partir dos mesmos critérios utilizados nos eventos masculinos, produzindo vencedoras que apresentavam a melhor combinação de tamanho e musculatura “rasgada”.

Com o propósito de evitar o fantasma da masculinização das mulheres no fisiculturismo, a International Federation of Body Building (IFBB) decidiu inserir nos julgamentos uma mudança do olhar do interior do esporte, sem produzir ações efetivamente restritivas ou de cunho punitivo impingidas legalmente às atletas. Essa mudança no modo de ver, julgar e analisar os corpos femininos consistia num investimento no enfraquecimento do volume muscular, com vistas ao fortalecimento de uma estética corporal mais próxima do traçado da feminilidade normalizada, como apontam os excertos⁸ abaixo.

[Em 1992] eles foram avisados para olhar para competidoras que não eram excessivamente grandes e que elas tivessem uma aparência física mais feminina para vencer neste ano. Depois de todas essas mudanças e controvérsias, Lenda Murray mudou o olhar deles e foi nomeada vencedora.

Lenda Murray coroa uma nova era do fisiculturismo [...]. Aclamada como a mais bela fisiculturista do mundo, Murray emana uma combinação sem paralelo, de beleza, formas, desenvolvimento e pureza atlética. Ela é uma das mais populares e prósperas fisiculturistas da história.

Aparentemente, a equipe de arbitragem olhou menos para o volume muscular de Lenda e mais para a sua beleza. Embora eu não tenha encontrado fotografias que

⁷ Há 30 anos, o canadense Garry Bartlett fotografa os eventos e os/as atletas do fisiculturismo. É autor de textos sobre essa temática, publicados em várias revistas do mercado editorial; exemplo disso é o artigo em questão, publicado na *MuscleMag*.

⁸ Fontes disponíveis em: www.bodybuilding.com/fun/weik24.htm, capturado em 15/08/2008 e <http://www.bodybuilders.com/murray.htm>, capturado em 20/08/2008.

registrem a exibição da atleta em 1992, garimpei no *site* de vídeos *youtube* a sua apresentação. Vestindo um biquíni vermelho, seios aumentados com silicone, cabelos presos em um pequeno coque, maquiagem leve e uma gestualidade que acompanhava a música constituíram a exibição da atleta, que marcava a sua apresentação cantando partes da música, deslocando-se pelo palco, lançando olhares sensuais para os espectadores e investindo na teatralização da sua gestualidade – por isso canta, dramatiza e interage com o público. Em cinco minutos de uma coreografia individual, Lenda produz diferentes movimentos, sorri para os espectadores e convida-os a observá-la, misturando movimentos suaves e intensas contrações musculares. Observando a sua imagem, seu corpo e os traços da sua face, percebo que seu conjunto evoca representações que a associam à beleza feminina. Talvez não a alguma das belezas apontadas por Humberto Eco (2004), como a da mulher da época renascentista, quando era privilegiada a alvura da pele, os longos cabelos e o ventre proeminente; tampouco seu corpo representaria a beleza promovida pelo consumo atual, que a cada dia produz um novo modelo. Lenda Murray emerge como um novo arquétipo de beleza; sua arquitetura corporal faz as fronteiras entre as representações fixas de feminino e masculino esfumaçarem-se, pelo menos no fisiculturismo, indicando que elas nada mais são do que construções culturais produzidas por determinados sujeitos em certos contextos históricos. Enfim, ao examinar mais uma vez as fontes de pesquisa, percebo que a beleza das atletas se constituiu num atributo afirmado e reafirmado constantemente e muitas vezes ressaltado para justificar o primeiro lugar ocupado por aquelas que venceram o Ms. Olympia em diferentes edições do evento.

Apesar desse investimento na valorização da beleza das atletas, a década de 90 viu o fisiculturismo feminino definhando, pois, à medida que os músculos se avolumavam, mais um passo era dado na direção do seu desmoronamento. Um dos excertos⁹ pinçados de umas das fontes de investigação aponta a crise vivida pelo músculo espetáculo:

A audiência [dos campeonatos] começou a diminuir, a mídia perdeu o interesse, o patrocínio estava ficando difícil e mesmo as nossas revistas de *bodybuilding* cortavam as reportagens.

A alternativa encontrada pela IFBB no ano de 2000 foi dividir a competição em duas categorias: a *lightweight* e a *heavyweight*. Essa divisão deixou a primeira categoria mais atrativa e com atletas que haviam fabricado arquiteturas corporais mais comedidas, enquanto que, no segundo grupo, ainda circulava acentuadamente entre as mulheres a idéia de construir corpos cada vez mais potencializados, com as estriações musculares cada vez mais evidentes. Quando os dirigentes do esporte perceberam que essa divisão não surtiu o efeito desejado e considerando que a vertente feminina do esporte estava à beira de um colapso por falta de investimentos financeiros, eliminaram essa divisão. A IFBB enviou comunicado em 06 de dezembro de 2004, através de Jim Manion, vice-presidente da divisão profissional da Federação, solicitando que as atletas de *physique*, *figure* e *fitness* diminuíssem em 20% o seu volume muscular. Apesar de indícios apontando que essa determinação foi movida por múltiplos motivos, a instituição que dirige o esporte sugeriu que razões estéticas e preocupações com a saúde das atletas convergiram para a elaboração da restrição.

⁹Fonte: Gary Bartlett, In: *Musclemag International*, p. 60, aug/2005.

A notícia da diminuição do volume muscular gerou polêmicas entre as atletas, pois, enquanto algumas apoiam essa limitação, outras a rejeitam, conforme sugerem as fontes¹⁰:

As que são contra defendem que, independentemente do sexo, o atleta deve sempre tentar alcançar o topo de sua performance, e se isso no fisiculturismo significa extremo desenvolvimento muscular, tal regra vem oferecer enorme obstáculo à superação das performances.

Eu ainda penso que a IFBB não tinha um critério claramente definido, mesmo com a regra dos 20%. Eles fizeram essa regra para tornar o esporte mais aceitável e atrativo para novas competidoras. Competidoras que provavelmente seguirão isso, e agora nós podemos vê-las nas apresentações.

Analisando os textos e as imagens, percebo que a determinação para diminuir o volume muscular dos corpos femininos emergiu como uma estratégia comercial montada por aqueles que estruturam o esporte para capturar um maior número de espectadores, sensibilizar patrocinadores, interpelar atletas e ampliar a visibilidade do esporte. Além disso, as atletas questionam a operacionalidade dessa determinação, uma vez que acompanhar e mensurar essa diminuição se mostra quase impossível, visto que a circunferência das atletas não é tomada nas competições, mas sim o peso e/ou a altura, procedimento este que torna inviável verificar concretamente a matematização das suas formas. Afinal, não foi explicitado quando, como e em que condições essa regra será levada a efeito. Outro ponto a ser discutido diz respeito às condições de produção e os argumentos que ancoraram a criação desse percentual mágico.

Essas discussões despontam ainda em 2005, e, nesses quatro anos passados desde a sua produção, não houve qualquer esclarecimento advindo da IFBB acerca do tema. Todavia, o que se observa nos campeonatos desde aquela época é que as equipes de arbitragem têm operado com essa regra, buscando privilegiar nas suas avaliações aquelas atletas que possuem uma arquitetura corporal menor, mais enxuta e compacta. Como vemos na fala da atleta¹¹.

A determinação da IFBB para diminuir em 20% o volume muscular das mulheres está valendo muito, principalmente, lá fora. Ano passado [2007] eu fiquei em segundo lugar numa competição internacional por causa disso. A menina que ganhou estava bem menor do que eu, e, entre todas as 24 concorrentes do mundo inteiro, nós éramos as menores e as mais definidas entre todas. A *figure* não pode mais caracterizar o fisiculturismo, se a *figure* ficar um pouco mais avantajada, podendo estar definida tanto quanto ou com músculos simétricos como elas, mas você não pode ter o volume muscular agigantado.

A exigência da diminuição do volume muscular movimentou o interior dos espaços esportivos, pois produziu rupturas e solicitou adequações aos treinamentos e dietas utilizadas há muitos anos pelas atletas. Desde 2005, é preciso produzir músculos comidos e investir mais e mais na definição dos desenhos musculares. As fontes

¹⁰Fonte: Christiano Galbraith - Seção *The Iron News*, JMF, p. 18, n. 58, 2005 e Juliana Malcarne – Entrevista – Disponível em: www.hardfitness.com, capturado em 22/10/2007.

¹¹Fonte: Sílvia Finocchi – atleta *figure* - Entrevista realizada com a pesquisadora em 07 de abril de 2008.

apontam que os efeitos da regra colocada em operação pelas equipes de arbitragem, porém, nas buscas que fiz, não encontrei registros que deem conta de estabelecer relações, ainda que lineares, entre a diminuição do volume muscular e o aumento do número de mulheres atletas nas competições, melhorias nos investimentos de patrocinadores e aumento no número de espectadores.

Tenho observado, nas imagens que registram os campeonatos, que possivelmente a categoria *figure toned/ wellness* possa ter maior poder de penetração e interpelação junto às mulheres que praticam a musculação, em razão de a arquitetura dos corpos afastar-se da representação de uma atleta de fisiculturismo “clássico” e aproximar-se da representação da mulher que produz um corpo com suaves contornos musculares. Afinal, é preciso levar em conta que as posições de sujeito ocupadas pelas atletas e pelas mulheres que potencializam os seus corpos, seja na cultura ou no interior de práticas esportivas determinadas, envolvem a aparência dos seus corpos. Louro (2003, p.01) sugere que, “ao longo dos séculos, os sujeitos vêm sendo examinados, classificados, ordenados, nomeados e definidos por seus corpos, ou melhor, pelas marcas que são atribuídas aos seus corpos”. Posicionando a aparência do corpo no centro das discussões, podemos ver emergir representações diferenciadas elaboradas pela comunidade esportiva e pelos outros sujeitos sociais. Se, no âmbito das competições de fisiculturismo, interessava às mulheres crescer e crescer cada vez mais, na esfera social, essa aparência hipermusculosa incomodava e desassossegava representações que identificavam e posicionavam as mulheres em alguns lugares e não em outros.

A aparência é, pois, algo que se apresenta ou que se representa. Vê-se o que se mostra, o que aparece; e ao que se vê se atribui significados. Pele, pêlos, seios, olhos são significados culturalmente. Muitos são os significados ao formato dos olhos ou da boca; à cor da pele; à presença da vagina ou do pênis; ao tamanho das mãos e à redondeza das ancas (LOURO, 2003, p. 1).

A presença e a ausência de músculos num corpo, assim como um corpo masculino e um corpo feminino potencializados ao máximo e, ainda, um corpo feminino com mais ou menos músculos, também são significados diferentemente em nossa sociedade. Diuturnamente circulam discursos que posicionam o corpo musculoso masculino como representante de poder, força e virilidade, e as medidas infladas dos seus músculos produzem, reforçam e reafirmam a sua masculinidade. Em relação às mulheres, músculos volumosos rompem com as noções de fragilidade, delicadeza e beleza representadas naquilo que social e culturalmente se construiu como atributos próprios das mulheres. A aparência musculosa, além de romper com as representações historicamente produzidas e socialmente partilhadas do feminino, ainda produz novas representações, embaralhando e confundindo antigas e novas referências acerca dos corpos das mulheres.

Dobbins (s/d), em um dos seus artigos, destaca que o fisiculturismo feminino se produziu como um espaço que desafia as representações convencionais de aparência e de desenvolvimento físico dos corpos das mulheres, uma vez que

(...) esse esporte se constitui em torno da criação do máximo desenvolvimento estético dos músculos do corpo. O esporte

exige a construção de grandes músculos, mas também envolve aspectos estéticos, como as formas, simetria, proporção, definição e evidentemente beleza da linha e estrutura [corporal]¹².

Tomar as medidas do músculo como uma das marcas que constituíram e constituem o fisiculturismo exige também apontar vozes de insatisfações produzidas no interior do esporte e advindas desse ilimitado investimento no volume corporal. Além das respostas negativas do público, patrocinadores e mídia que acompanhavam o esporte, algumas mulheres atletas também demonstraram insatisfações com os rumos que tomava o campo esportivo. Acerca desse tema, comentou uma das atletas¹³:

Eu competi com mulheres que competiam há anos e eu levava muito jeito para posar, eu tinha uma desenvoltura no palco muito boa, e a linha era boa. Aí, eu comecei a ver que elas estavam ficando muito grandes, isso lá pelos anos de 1994, 95. Aí, eu vi que elas estavam ficando enormes, e eu não queria, já naquela época, eu visualizava outro tipo de físico. Eu queria o que as pessoas querem hoje, [isso] é o que eu sempre quis.

Diferentes discursos, interesses e disputas envolveram os ajustes produzidos no fisiculturismo feminino, e seus efeitos não incidem somente na diminuição do volume muscular das atletas, mas também na criação de novas modalidades esportivas, as quais exigiram alguns ajustes nas arquiteturas corporais. Tais ajustes tiveram as condições de possibilidade de serem enunciados a partir da multiplicação das fontes de pesquisa aqui reunidas, as quais produziram as condições materiais para focalizar alguns momentos, certas dizibilidades e visibilidades que enunciam a potencialização muscular feminina no fisiculturismo brasileiro.

Atualmente, um campeonato feminino de nível internacional é constituído pelas seguintes modalidades: *physique*, ou culturismo; *figure*, ou *body-fitness*; *miss fitness*, ou *fitness-coreográfico*; *figure toned*, ou *wellnes*¹⁴. Enquanto que a primeira modalidade assume o lugar de constituição do esporte, a última ainda está em processo de construção e divulgação. A multiplicação das modalidades e as transformações que foram acontecendo no interior do fisiculturismo indicam o quão parecem ser infinitas as possibilidades de mutação desses corpos femininos, uma vez que é na vertente feminina que os corpos, as representações e as tensões pulsam mais intensamente e movimentam, transformam, rompem e apontam novas direções ao esporte¹⁵.

As quatro modalidades que desde 2008 compõem os grandes e médios eventos do fisiculturismo e mais os seus desdobramentos em categorias podem ser adaptadas e simplificadas segundo as instituições que regem o esporte no Brasil, com vistas a

¹²Tradução livre.

¹³Fonte: Silvia Finocchi – atleta *figure* - Entrevista realizada com a pesquisadora em 07 de abril de 2008.

¹⁴Essas denominações representam aquelas adotadas pela NABBA/Brasil e pela CBCM, respectivamente.

¹⁵O Ms. Olympia também se transformou. Atualmente conhecido como Olympia Weekend, começa na quinta-feira e finaliza no domingo, com competições de fisiculturismo, artes marciais e halterofilismo, incluindo feiras de equipamentos esportivos, nutrição esportiva, roupas, etc. As competições de fisiculturismo são divididas em masculinas (desde 1965) e femininas, que abrigam três modalidades: *Ms Olympia* (desde 1980), *Figure* (desde 2003), *Fitness* (1995). Em 2008, houve uma nova competição, denominada “Bikini Model Search”, patrocinada pela revista *Flex’s Magazine*. Não há indicações se essa última é uma modalidade nova, se está em fase de constituição ou se permanecerá no evento anualmente.

adequar as características das competições às atletas inscritas nas disputas. Exemplo disso ocorre nos campeonatos que acontecem em pequenas cidades brasileiras e em lugares em que o esporte ainda não possui tradição. Nesses eventos, é comum encontrar as modalidades femininas restritas a *Figure* e a *Fitness* – agora a *wellness* também está produzindo seus espaços de inserção. A NABBA/Brasil, em nível nacional, excluiu a modalidade *physique* das suas competições, embora esporadicamente ela possa constituir o quadro de modalidades, enquanto que a CBCM ainda a mantém em seus eventos. As competições exigem não só a construção de uma determinada arquitetura corporal para cada modalidade, como também requerem uma preparação singular e a aprendizagem de um conjunto de gestualidades produzidas especificamente para visibilizar a potencialização muscular.

Ao historicizar algumas relações produzidas entre os corpos femininos e o fisiculturismo, percebi que os corpos se ajustavam e se ajustam às exigências esportivas, assim como o próprio fisiculturismo, nas suas distintas modalidades, se acomoda às arquiteturas corporais femininas. Esses ajustes sugerem que, mesmo no esporte, os corpos não se constituem em materialidades prontas e acabadas, estando em constante aperfeiçoamento e, cada vez mais, recorrendo à ciência e à tecnologia para alargar e potencializar ao máximo as suas possibilidades. Nesse contexto, observei que, quando as mulheres que potencializam os seus músculos escolhem essa prática esportiva, muitas vezes, sem se dar conta, acabam fazendo uma escolha por um modo de vida que é marcado por privações, dores, sofrimentos e distintos riscos que pouco aparecem nos discursos produzidos do interior desse campo esportivo.

Nos artefatos culturais visitados, a análise de imagens e textos sugeriu que as arquiteturas corporais foram e são exibidas tal qual uma instalação artística. Os corpos, muitas vezes revelados nos mínimos detalhes, parecem desconcertar a matemática das suas formas, constituindo-se no próprio espetáculo.

Referências

BARTLETT, Gary. 20% less 100% better: Ms international 2005. In: MuscleMag International. USA, aug., 2005.

BOLIN, Anne. Bodybuilding. IN: CHRISTENSEN, K.; GUTTMANN, A.; PFISTER, G. (Org.). International encyclopedia of women and sports. v. 1, New York: Macmillan Reference, 2001.

COURTINE, Jean-Jaques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. (Orga). Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DEL PRIORE, Mary. Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000.

DOBBINS, Bill. The first Ms. Olympia: Birth of a tradition. Disponível em: <http://www.bodybuilding.com/fun/billdobbins3.htm> Postado em 14/04/2003. Capturado em: 18/08/2008.

_____. Modern Amazon. EUA: Taschen, s/d.

ECO, Umberto. História da beleza. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GOELLNER, Silvana. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: GOELLNER, Silvana V.; JAEGER, A.A. Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

LOURO, Guacira. Corpos que escapam. In: Labrys: Revista de estudos feministas. no. 4, ago/dez, 2003. Disponível em: www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/guacira1.htm. 2003.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G.; NECKEL, J. e GOELLNER, S. V. (Orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, M., BUJES, M. (org^{as}). Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOARES, Carmen L. Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte. In: RAGO, M. e VEIGA-NETO, A. (Orgs). Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VIGARELLO, Georges. O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, A.; COURTINE, JJ.; VIGARELLO, G. (Orgs). História do corpo 3: As mutações do olhar. O século XX.. Petrópolis: Vozes, 2008.

WEIR, Matt. A look at the Ms Olympia History and 2006 Ms Olympia preview. Disponível em: <http://www.bodybuilding.com/fun/weik24.htm> Capturado em 15/08/2008.

Este artigo constitui parte da minha tese de doutorado, intitulada “Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo”, defendida em 2009 no PPGCMH/UFRGS e orientada pela Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner.

angelufsm@yahoo.com.br

Av. Roraima 1000 – Cidade Universitária

Prédio 51 – sala 1037

Bairro Camobi – CPE: 97105-900

Santa Maria, RS.

(055) 3220-8874

Recurso para apresentação: Data show.